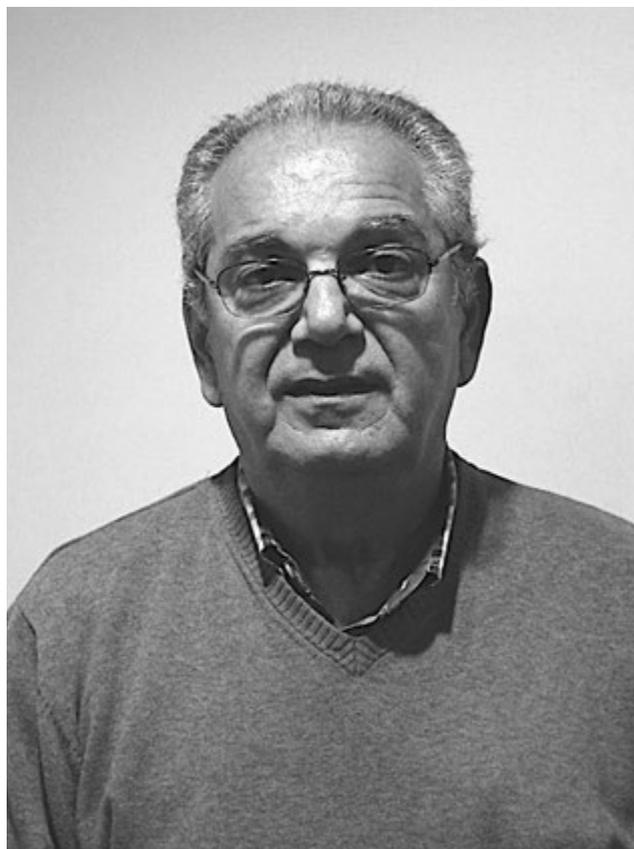


AVRAM ESHKENAZY¹

(Bulgária, 1945)



Avram Eshkenazy durante a entrevista à equipe
do projeto Vozes do Holocausto.

S. Paulo, 15 de maio de 2015.

Arqshoah/Leer-USP.

1. Entrevista concedida por Avram Eshkenazy a Sarita Sarue Mucinic, pesquisadora do Arqshoah. Vídeo e áudio: Laís Rigatto Cardilo. Apoio técnico: Raissa Londero. Transcrição: Samara Konno. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Transcrição: Tucci Carneiro. S. Paulo, 15 de maio de 2015. Arqshoah/Leer-USP.

Minhas raízes romeno-judaicas

Meu nome é Avram Eshkenazy, e nasci na Bulgária em 13 de junho de 1945. Sou filho de Regina [Kalef] Eshkenazy e Isak Eshkenazy. Meu pai era filho de Mordko e Diana Eshkenazy, meus avós paternos.

Minha mãe, Regina Eshkenazy, nasceu em Belgrado em 10 de outubro de 1910, filha de Avram e Sara Vukica Kalef, e irmã de Josko Kalef, Esther (Estela) Darsa e Mjriam Kalef, meia-irmã de Moshe e Isaac. Ela era Kalef de solteira, e sempre dizia que tinha uma vida de princesa até o momento que chegaram os nazistas. Os Kalef eram uma das famílias mais antigas e ricas de Belgrado, mas não sei quanto tinham e quanto deixaram de ter.



Belgrado, local de residência da família de Regina Kalef, mãe de Avram Eshkenazy.
Google Maps.

Conheço apenas esta parte da história dos meus pais por ouvir contar, pois quando nasci, em 1945, a guerra já estava no fim. Como eles se conheceram? Durante uma visita do meu pai à sua irmã que morava em Belgrado, ela falou: “Tenho uma esposa para você!”, pois naquela época era assim. Aí meu pai foi para lá com o propósito de conhecer sua futura esposa, que viria a ser minha mãe. Fecharam “negócio”, só que sem amor, apenas se conheceram. Não tinha namoro, não tinha nada. Minha mãe ficou na dúvida porque ela gostava de um outro rapaz, durante muitos anos. No entanto, ele tinha sífilis e, é claro,

os pais não aprovaram o casamento. Aí ficou aquele vai e vem, vai e vem, não sei quantos meses durou isso.

Decidiram que deveriam se casar. No dia do casamento, meu pai veio todo chique, todo bonitão, e minha mãe não quis descer, dizendo: “Eu não quero casar”. A festa estava montada, com todos os amigos e parentes convidados, tudo lá embaixo. Nisso, meu avô, que era muito rígido, muito durão, apareceu e falou: “Cada um que voltar para casa, dou-lhe meio.” Meu pai apanhou o chapéu, botou o casaco e resolveu ir embora. Quando chegou na porta, minha mãe desceu, creio que ficou com vergonha, não sei por que, dizendo que não iria casar. E foi assim, voltaram atrás, desmarcaram a festa, e coisa e tal, mas ficaram noivos. Em 15 de março de 1936, eles acabaram casando. Meu pai tinha 33 anos e minha mãe uns 26, 27 anos.



Regina Kalef, filha de Avram e Sara Kalef, ainda solteira, vestida para um baile do Purim. Nessa ocasião foi organizado um show com atores, dentre os quais Zanka Stokic. Regina ganhou o prêmio de melhor fantasia. Belgrado, antes de 1941. Disponível em: https://www.centropa.org/sites/default/files/styles/max_quality/public/photo/orig/SRMCE%20049.jpg?itok=5KWa-A_Y. Acesso em: 29 ago. 2020.



Casamento de Regina Kalef com Isak Eshkenazy, natural da Bulgária, onde viveram durante a Segunda Guerra Mundial. Belgrado, 15 de março de 1936. Acervo: Matilda Kalef. Disponível em: <https://www.centropa.org/photo/regina-and-isak-eskenazis-wedding-portrait>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Nove meses depois, em 24 de novembro de 1936, nasceu em Belgrado meu irmão Marcel. Minha mãe teve uma segunda gravidez, mas abortou, pois não sabia se a guerra viria ou não. Meu pai tinha duas lojas de roupa e armarinho em prédios de sua propriedade. Minha mãe havia permanecido com a família do meu pai, enquanto seus familiares ficaram em Belgrado. Quando os nazistas entraram na guerra, meu avô Avram já havia morrido e, pressentindo alguma coisa ruim, minha avó Sara disse para a minha mãe: “Pegue todas as joias da nossa família e as guarde na Bulgária”. Chegou uma hora que não dava mais para ir da Bulgária para a Iugoslávia, onde estavam os pais e a família de minha mãe.



Regina e Isak Eshkenazy (à direita, 2a fileira), s.l., s.d. Fotografia não identificado. Acervo: A. Eshkenazy; Arqshoah/Leer-USP.

Com as deportações, o cerco nazista foi apertando cada vez mais, pois éramos judeus. Diante disso, minha mãe chamou a empregada e pediu-lhe para guardar as joias que havia recebido da sua mãe: “Se, por acaso, eu voltar da guerra, você me devolve, se não, as joias ficam para você”. Depois da guerra ela foi procurar a empregada, que negou ter recebido as joias, mas tudo foi por água baixo.

Quando a guerra começou, a Bulgária fechou suas fronteiras, pois estava aliada com a Alemanha: ninguém entrava ou saía. Meu irmão Marcel e minha mãe foram morar na Bulgária, ainda que muito contra vontade, e assim eles iam e vinham para nos visitar.^A O casal ficou separado em 1944; meu pai foi levado para trabalhos forçados – quebrar pedras – e minha mãe foi com meu irmão para o gueto de Sófia, capital da Bulgária. Meus avós paternos, Mordko e Diana, como já estavam velhos, não foram levados. Na hora da separação, meu pai conseguiu dar para minha mãe uns

A- A Bulgária havia perdido, na Primeira Guerra Mundial, antigos territórios etnicamente históricos, entre os quais a região de Dobruja do Sul, perdida em 1913, a Macedônia e a Trácia. Em março de 1941, a Bulgária aliou-se à Alemanha Nazista e foi recompensada com partes da Trácia grega e da Macedônia iugoslava, ambas com populações judias, promulgando leis raciais contra seus cidadãos judeus. Embora essas leis não fossem cumpridas com rigor, as autoridades búlgaras deportaram homens judeus para campos de trabalhos forçados em todo o país. Um grupo de parlamentares, líderes religiosos, figuras públicas e cidadãos comuns se reuniram e pressionaram o rei e seu governo a não obedecer. Em 24 de maio, o plano de deportação de 48 mil judeus búlgaros foi revogado e os judeus da Bulgária sobreviveram à guerra. Ao mesmo tempo, mais de 11 mil judeus da Trácia e da Macedônia foram deportados pelos búlgaros para a Polônia. Apenas algumas centenas deles sobreviveram.

Avram Eshkenazy



Em meados de 1942, as autoridades búlgaras exigiram que os judeus usassem a estrela judaica. *Enciclopédia do Holocausto*. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/jewish-badge-during-the-nazi-era>. Acesso em: 28 ago. 2020.



Estrela de David ou Estrela Amarela usada por familiares de Regina Eshkenazy. Acervo: Eshkenazy/SP.

seiscentos mil (?), e com esse valor ela conseguia comprar alguma comida dos camponeses.

No gueto de Sófia, onde estava minha mãe, os prisioneiros faziam fila para receber uma sopa com um pedaço de pão duro uma vez ao dia. Muitos nem isso conseguiam. Quando a guerra acabou, minha mãe tinha ainda uma pequena parte daquele dinheiro. Alguém disse a meu pai que havia visto a esposa dele a dois quilômetros do gueto. Ele, que não a via há dois anos, resolveu ir vê-la, apesar do perigo de ser morto; ele pulou a cerca e passou a noite com ela. Depois de três meses, ela percebeu que estava grávida. Tentou abortar e não conseguiu.

Quando os russos já estavam entrando e os prisioneiros dos guetos foram libertados, as temperaturas estavam muito baixas, mas eu resisti: nasci em 15 de fevereiro de 1945. Não tinha fralda, não tinha leite, não tinha medicação, não tinha nada, mas sobrevivi. Minha mãe, depois de liberada, ia todos os dias ao hospital para descolar o estômago por não



Soldado búlgaro supervisionando judeus embarcando no trem de deportação. Trácia, março de 1943. *Enciclopédia do Holocausto*. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/righteous/stories/bulgaria.html>. Acesso em: 28 ago. 2020

comer. Este seu tratamento durou seis meses. A família de meu pai sobreviveu inteirinha e, em 1948, foram viver em Israel. Da família da minha mãe ficou somente um primo que ela (re)encontrou depois de muitos anos em Israel.^A

Da Bulgária para Israel

Nós ficamos na Bulgária durante três anos. Embora tentasse, meu pai não conseguia melhores oportunidades, porque os comunistas é que determinavam o horário de trabalho. Assim que foi possível, fomos para Israel, que havia sido fundado em maio, e nós chegamos em novembro. Vivemos em tendas sem laterais e somente com cobertor, como se fosse um porão “provisório”, mas acabamos ficando dez anos em Haifa, vivendo dessa forma improvisada.^B



Isak (centro) e sua esposa Regina Eshkenazy (nascida Kalef) com seus filhos, Marcel e Avram (à direita). Belgrado, 25 de janeiro de 1948. Sérvia, Iugoslávia. Acervo: Matilda Kalef. Disponível em: <https://www.centropa.org/photo/regina-eskenazi-and-her-family>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Meu pai trabalhava numa grande fábrica em Haifa, onde fazia peças de vidro: copos, garrafas e outros. Trabalhou por dez anos em três turnos: das duas da tarde até dez da noite, das dez da noite até seis da manhã e das seis da manhã até duas da tarde. Era uma semana para cada turno. Ficava frente

A- Bulgária após a Segunda Guerra: “Depois da guerra, a Bulgária, sob domínio comunista desde fevereiro de 1945, manteve a região de Dobruja, que havia sido adquirida da Romênia em 1940, mas teve que se retirar da Macedônia, Trácia e Pirot, devolvendo essas províncias às autoridades grega e iugoslava. Em 1945, a população judaica da Bulgária ainda era cerca de 50 mil, seu nível antes da guerra. Em 1948, no entanto, mais de 35 mil judeus búlgaros emigraram para o Mandato Britânico na Palestina, uma parte do qual se tornou o Estado de Israel em maio de 1948. A maior parte do restante também emigrou da Bulgária em 1950”. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Washington, DC. Ver mais: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/bulgaria>. Acesso em: 29 ago. 2020.

B- Haifa é o mais importante porto e a terceira maior cidade do país, a maior cidade do norte de Israel, depois de Jerusalém e Tel Aviv. Com uma população mista de cerca de 265 mil habitantes, sendo árabes e judeus, é exemplo de coexistência pacífica. A população árabe costumava ser predominantemente cristã, enquanto parte da população judaica chegou da Rússia. A história de Haifa, construída nas encostas do Monte Carmelo, remonta aos tempos bíblicos. Ao longo dos séculos, a cidade foi conquistada e governada, alternadamente, pelos bizantinos, árabes, otomanos, egípcios e britânicos. Desde a criação do Estado de Israel em 1948, a cidade é governada pela Câmara Municipal de Haifa.



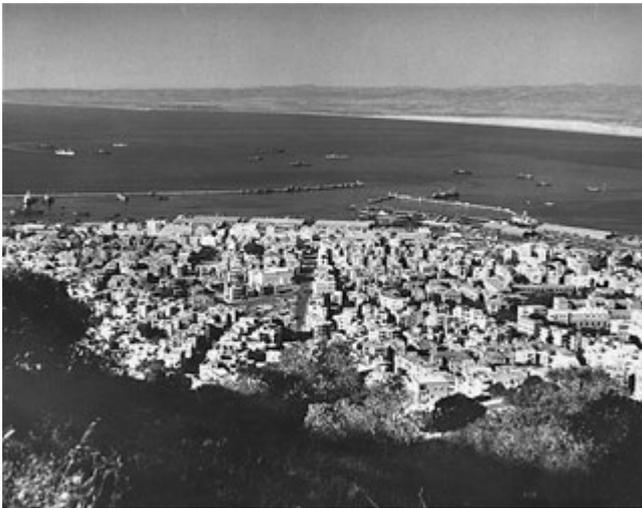
Judeus sobreviventes do campo de concentração nazista de Buchenwald (alguns ainda vestem trajes de prisioneiro), no convés de um navio a caminho do porto de Haifa, na Palestina, 15 de julho de 1945. Créditos: Zoltan Kluger/IGPO/Getty Images Europe. Disponível em: <https://incrivelhistoria.com.br/criacao-israel-1948/>.

Acesso em: 29 ago. 2020.

a uma máquina enorme que pingava [...] dentro da forma que fazia as garrafas em uma esteira, depois de passar pelo forno de 1.800 graus. Trabalhava das duas da tarde até dez da noite. O pouco dinheiro que conseguiu não dava sequer para comprar um apartamento. Então, ele decidiu mudar considerando que em Israel não havia nada. Tudo o que você trazia de fora se vendia em um piscar de olhos. Só que isso se chamava contrabando.

Numa primeira vez ele trouxe uma mala a Israel e vendeu tudo na hora. Gostou da brincadeira. Na segunda vez, foi junto para fazer as compras, e eu o acompanhei. Enchi duas malas enormes. Naquela época, todos os novos imigrantes podiam trazer coisas, sem pagar impostos, e assim meu pai sempre conseguia alguém para passar as malas. Depois de seis meses, ele disse que aquela era a última vez. Assim, de Israel fomos até a Itália, onde compramos quatro malas gigantes que

enchemos com as compras: echarpes, lenços de seda, cargas de caneta, crochês e colchetes



Haifa a partir do Monte Carmelo. Fotografia de Frank Scherschel. *Revista Life*, junho de 1948. Disponível em: <https://medium.com/@thepalestineproject/life-magazine-rare-photos-of-palestine-1948-d80e83d4929>.

Acesso em: 28 ago. 2020.

para roupas, tudo em grande quantidade, com nota fiscal. Antes de chegar a Haifa com todas as malas, argumentei quanto pagaria de imposto? Meu pai, apavorado, rasgou as notas fiscais que trouxera.

Meu pai resolveu pedir ajuda para um casal de velinhos que ia para Israel para passar as quatro malas pela Alfândega. Tudo combinado, tudo certinho. Não sei o que aconteceu: o velinho resolveu que não passaria nada, apesar do combinado. Meu pai ficou na mão. Ao chegar ao aeroporto de Haifa, tentou desembarcar,

enquanto na Alfândega o pessoal olhava as quatro malas que ficaram abandonadas em cima da mesa. Aí começou o bate-boca, e na Alfândega ele contou a seguinte história: “Uma pessoa conhecida me deu essas quatro malas em Nápoles dizendo que alguém viria pegá-las. Mas até agora a pessoa não chegou. Essas malas não são minhas...”. Ele quase foi preso. Assim, ele perdeu as mercadorias, e tudo foi por água abaixo.

De Israel para o Brasil

Permaneci em Haifa junto com meus pais desde os três anos até os 13 anos, quando resolvemos sair. A ideia era trocar de lugar para melhorar de vida. Nessa época, meu irmão Marcel estava no Exército e havia participado da guerra de 1956. Quando foi liberado, comuniquei a ele: “Eu não ficarei aqui”. Como minha mãe era muito ligada a ele, foi logo dizendo: “Se ele for, eu vou também”. Não tínhamos grandes coisas a perder.

Em 1956, meus pais conheceram um casal, cujos pais viviam no Bom Retiro, que nos perguntaram: “Por que vocês não vêm para o Brasil? Aqui se acha dinheiro no chão”. Pedimos que nos enviassem uma “chamada” para conseguirmos os vistos. Assim, conseguimos os vistos através da Legação de Tel Aviv (Estado de Israel) e viajamos a bordo do navio Bretagne.

Desembarcamos no Brasil em 1958; quatro pessoas com cento e oitenta e cinco dólares no bolso. Em S. Paulo, fomos apresentados a algumas pessoas, em busca de novas oportunidades. Meu pai tentou trabalhar em vendas no Paraná e Minas Gerais, mas acabou sendo pego

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Isak Eshkenazy**
Admitido em território nacional em caráter **PERMANENTE**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. **9º** letra **—** do dec. n. **7967**, de 1945
Lugar e data de nascimento **Vidin, Bulgaria, 13-6-1904**
Nacionalidade **israelense** Estado civil **CASADO**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Marco e Diana Eshkenazy**
Profissão **chofer**
Residência no país de origem **Haifa, rua Shvaram, 8**
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **114296**, expedido pelas autoridades de **Min. Int.** do **Estado de Israel**, na data **10-6-1957**
visado sob n. **152**
ASSINATURA DO PORTADOR: **Isak Eshkenazy**

Legação do Brasil em **Tel-Aviv** em **24 de fevereiro de 1958**
o encarregado do serviço consular: **[assinatura]**

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Avram Eshkenazy

13-50

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso ... **Regina Eshkenazy**.....
Admitido em território nacional em caráter..... **PERMANENTE**.....
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 7967, de 1945
Lugar e data de nascimento **Belgrado, Yugosl, 1910**.....
Nacionalidade **israelense**..... Estado civil **casada**.....
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Avram e Sara Kolef**.....
Profissão **doméstica**.....
Residência no país de origem **Haifa, rua Shvaram, 8**.....
NOME IDADE SEXO
..... **Avram** **1945** **M.**.....

FILHOS MENORES DE 18 ANOS }

Passaporte n. **114296**, expedido pelas autoridades de **Min. Int. do Estado de Israel**, na data **10-6-1957**
visado sob n. **152**
ASSINATURA DO PORTADOR: *Regina Eshkenazy*

Legação do Brasil em **Tel-Aviv**, em **24 de fevereiro 1958**
o encarregado do serviço consular: *[Assinatura]*

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso ... **Marcel Eshkenazy**.....
Admitido em território nacional em caráter..... **PERMANENTE**.....
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 7967, de 1945
Lugar e data de nascimento **Belgrado, Yugosl, 24-11-1936**.....
Nacionalidade **israelense**..... Estado civil **solteiro**.....
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Isak e Regina Eshkenazy**.....
Profissão **mecânico**.....
Residência no país de origem **Haifa, rua Shvaram, 8**.....
NOME IDADE SEXO
.....

FILHOS MENORES DE 18 ANOS }

Passaporte n. **114202**, expedido pelas autoridades de **Min. Int. do Estado de Israel**, na data **4-6-1957**
visado sob n. **151**
ASSINATURA DO PORTADOR: *Marcel Eshkenazy*

Legação do Brasil em **Tel-Aviv**, em **24 de fevereiro 1958**
o encarregado do serviço consular: *[Assinatura]*

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

A, B, C: Fichas consulares de qualificação da família Eshkenazy: Isak, Regina e Avram, e Marcel. Vistos emitidos pela Legação do Brasil em Tel Aviv, 24 de fevereiro de 1958. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

pelos fiscais. Como não tinha notas fiscais, decidi não fazer mais isso. Em 1964, no meio de uma hiperinflação, meu pai fez sociedade com um tal de Caio, que nos roubou, e ficamos devendo a D'us e a muitos mais. Eu acabei pagando a dívida através de uma concordata, e tudo foi acertado. Nessa época eu tinha 19 anos. Cheguei a pensar em frequentar uma escola, mas achava que a turma iria me gozar. Então, fiz um curso de português.

Meu irmão Marcel, por sua vez, ia e voltava dos Estados Unidos, pois desde os 14 anos dizia que queria viver na América. De tão estressado que estava, resolvi procurar um médico,

que descobriu que meu pâncreas não queimava o açúcar que eu consumia. Bem, me receitou remédios para tomar, no mínimo, por seis meses. Decidi tomar essa medicação com muita força de vontade. Um outro médico decidiu tirar todo açúcar que eu consumia, até o pão. Depois de seis meses, aos poucos voltei ao normal e não tinha mais nada.

No ano de 1959/1960, depois de passar por muitas necessidades, meu pai abriu uma fábrica na Rua Silva Pinto, onde trabalhávamos juntos. Em 1965, quando eu tinha 20 anos, conheci a Luci com 17 anos e até hoje estamos juntos. Tivemos três filhos. Em 1996 meu pai faleceu.

Se não vivíamos bem em Israel, aqui no Brasil foi uma benção. Comecei a trabalhar na fábrica, assumindo a responsabilidade perante meu pai que aos poucos eu iria triplicar o nosso patrimônio, e tripliquei. Eu trabalhei assim com ele durante dois anos. Quando me senti bem seguro, em 1987, consegui comprar um apartamento grande, onde vivo até hoje. Quero voltar a Tel Aviv, para visitar meu filho com 43 anos, médico, dois filhos e netos.

A mensagem que deixo aqui é que os nazistas fizeram algo inacreditável, inaceitável e nunca deve ser repetido. Nunca, nem mesmo daqui a mil anos, não devemos esquecer; essa história tem que ser passada de pai para filho. Eu realmente fico muito triste pela época, e mais triste ainda por perceber que, mesmo após setenta anos, ainda ouvimos os antisemitas por aí. Todos somos seres humanos, somos todos iguais e D'us é um só, para todos.

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Família de Regina [Kalef] Eshkenazy, mãe de Avram Eshkenazy



Josko Kalef, Regina Eshkenazy (nascida Kalef) e Elica Koen.
Belgrado, década de 1920.

Fotógrafo não identificado. Acervo: Matilda Kalef.
Disponível em: https://www.centropa.org/sites/default/files/styles/max_quality/public/photo/orig/SRMCE%20051.jpg?itok=aj6Onq3p. Acesso em: 29 ago. 2020.

Testemunho de Matilda Kalef

“Estes são alguns dos meus primos. Da direita para a esquerda: os filhos do meu tio-avô Avram, Josko Kalef e Regina Eshkenazy (nascida Kalef), e Elica Koen, filha da minha tia-avó Lenka Koen (nascida Kalef). A foto foi tirada em Belgrado na década de 1920. Tia Elica sempre vinha à nossa casa e nós a adorávamos. Ela era muito bonita e muito mais velha do que nós. Sua família inteira foi morta durante a guerra. Elica foi transportada de Belgrado com seu bebê recém-nascido. Como ela sabia que iria morrer, jogou seu bebê, Avram, pela janela do trem, com a esperança de que alguém o resgatasse. Aprendi essa história com minha mãe e ela ouviu de uma sobrevivente cujo nome minha mãe nunca me disse. Regina é uma das poucas parentes que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial. Ela se casou com um búlgaro chamado Isak Eshkenazy e eles viveram a guerra na Bulgária. Em 1948, ela, seu marido e seus filhos, Marcel e Avram, partiram para Israel. Tive notícias deles por um tempo, mas depois perdemos contato. Tenho certeza de que ela e o marido já morreram, mas seria muito interessante para mim descobrir onde estão seus filhos”.

Avram Kalef e sua esposa Sara Vukica com seus dois filhos, Regina e Josko Kalef. Belgrado, década de 1920. Fotografia não identificada. Acervo: Matilda Kalef. Disponível em: https://www.centropa.org/sites/default/files/styles/max_quality/public/photo/orig/SRMCE%20056.jpg?itok=bByMYXYb. Acesso em: 29 ago. 2020.

Testemunho de Matilda Kalef

“Esta foto foi tirada em Belgrado na década de 1920. Aqui você pode ver meu tio-avô. Eles devem ter sido convidados para um casamento, por causa dos ramos de alecrim em suas lapelas. [Nota do editor: os ramos de alecrim usados nas lapelas são uma tradição comum em casamentos na Sérvia. Em um casamento, eles geralmente são passados em uma



Avram Kalef e sua esposa Sara Vukica com seus dois filhos, Regina e Josko Kalef. Belgrado, década de 1920. Fotografia não identificada. Acervo: Matilda Kalef. Disponível em: https://www.centropa.org/sites/default/files/styles/max_quality/public/photo/orig/SRMCE%20056.jpg?itok=bByMYXYb. Acesso em: 29 ago. 2020.

bandeja antes da cerimônia e os convidados os compram de uma jovem solteira. Na maioria dos casos, é de praxe que essa garota fique com o dinheiro que arrecada]. Vukica era a segunda esposa do meu tio Avram. Do primeiro casamento ele teve uma filha, Stella, e com Vukica teve Regina e Josko. Eles moravam na Rua Skenderbegova 4, em Belgrado”.

Para não esquecer

A ocupação nazista e a Segunda Guerra Mundial interromperam a vida da comunidade judaica que, em apenas dois anos sob ocupação (1941-1942), quase desapareceu. Em Belgrado viviam cerca de 12 mil judeus, dos quais apenas mil sobreviveram ao Holocausto. Os testemunhos coletados do Arquivo Histórico de Belgrado, Museu Histórico Judaico de Belgrado e Câmara de Direito, apontam que as vítimas não devem ser vistas apenas como um número com nome e sobrenome, e sim como personalidades com sonhos que se realizaram e ou não, muitas vezes que foi interrompidos. Ricos em informações são as listas de bens, certidões de óbito, documentos pessoais, documentação técnica de imóveis, fotos,

Avram Eshkenazy

panfletos comerciais, arquivos de relevância. Enfim, registros de vidas interrompidas. Daí a importância da exposição e publicação do livro *Recordações das vítimas do Holocausto em Belgrado*, que inclui dados sobre todos os judeus executados cujas certidões de óbito são mantidas por um departamento dedicado a inventariar as questões de herança dentro do Conselho Nacional do I Distrito da Cidade de Belgrado, afeiçoado aos Arquivos.